

A primeira página, ao abrir a celeberrima obra de Milne: *Relativity, Gravitation and World-Structure*, inicia-se com o seguinte versículo evangélico: «Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in Regnum Caelorum» (Mat. XVIII, 3).

Este versículo originou um comentário, por parte de um discípulo de Milne, nos termos seguintes «...a menos que voltemos a admitir, com singeleza de coração, a fé na criação, aprendida na nossa infância, será inteiramente impossível entender, de maneira racional, todo o mecanismo dos céus»⁴⁶.

Tanto Newton como Milne desejaram decifrar o *enigma do universo*, o qual transcende a ciência. Esta tentativa fundamentadora poderá encontrar-se na dogmática, expressa simbolicamente no «De Deo Creatore», que Leão XIII fizera gravar na cúpula do grande astrógrafo da Specula Vaticana destinada à cartografia celeste.

Após este intróito poético e conclusivo, cumpre-nos dizer que o modelo cosmológico de Milne, apesar de ultrapassado pelas inovações astrofísicas e radioastronómicas, surgiu na História da Cosmologia, como brilhante construção físico-matemática. O nosso pensador foi um dos fulgurantes e inovadores cosmólogos particularmente porque soube redescobrir a Mecânica e a Gravitação de Newton. Um dos pontos mais originais residiu em interpretar as leis da física fora dos auspícios da Relatividade Restrita e Generalizada de Einstein.

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENEZES

Prof. do I. C. H. T.

João IV e Juraj Krizanic

Contributo para a história das relações culturais entre a Croácia e Portugal

É bem conhecido que João IV, fundador da dinastia de Bragança era «Príncipe-músico e Príncipe da Música»¹, mas não era conhecido até agora que um croata, Juraj Krizanic vigiava a edição das obras sobre música e as composições do Rei².

E quem era Juraj Krizanic?

Krizanic, lat. Crisanius, nasceu em Obrh, perto de Zagreb, Croatia (hoje Jugoslávia) no ano de 1617 ou 1618. Fez estudos de filosofia em Gratz, de teologia em Bolonha e Roma. Como aluno da Congregação da Propaganda Fide, em 1641, propõe ao secretário F. Ingoli o seu propósito: queria ir a Moscovo, à corte do czar para o servir como bibliotecário, educador dos filhos, escritor de uma gramática eslava e tradutor da Bíblia. Tudo com a intenção de, em momento oportuno, sugerir ao czar que fizesse uma liga contra os Turcos para libertar os irmãos eslavos do jugo otomano e operar a união com a Igreja romana. O seu propósito foi benevolmente acolhido pela Propaganda porque Roma, exactamente pelo protestantismo e pela Guerra dos trinta anos, perdia muitos alemães e encaminhava-se para conquistar os ortodoxos eslavos, particularmente a Rússia, que neste momento se tornava um império imponente. Doutorando-se em teologia, depois de ter passado alguns anos na

¹ MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO, *El-Rei D. João IV Príncipe-músico e Príncipe da música*, Lisboa, Acad. Port. História, 1958.

² As primeiras investigações sobre João IV e Juraj Krizanic foram publicadas sob o título: *Kuraj Krizanic and João IV, or Krizanic's Supervision of the Printig of João's Music and Works about Music*, in *The International Review of the Aesthetics and Sociology of Music* 11/1 (Zagreb 1980) 59-86. Ver também o meu livro: *Juraj Krizanic glazbeni teoretik 17. stoljeca*, Zagreb, Jugoslavenska akademija Znanosti e Umjetnosti, 1981, 79-100. (Também na colecção Radovi o Jurjn Krizanicu 1 (Estudos sobre Krizanic, da mesma Academia).

⁴⁶ Milne, E. A., *Relativity, Gravitation and World-Structure*, At the Clarendon Press, Oxford, 1935, p. i.

sua pátria, Krizanic vai para Moscovo em 1647. Aí comprou um livro chamado livro de Cirilo (*Kirillova Kniga*), cheio de calúnias contra a Igreja Romana. Regressado de Moscovo ... chamada terceira Roma, vai a Constantinopla — chamada a segunda Roma ... e vem a Roma antiga, primeira Roma, Roma dos Papas. Aqui põe-se a traduzir e a contrabater os textos do *Kirillova Kniga* alargando a base de estudos a todos os escritos teológicos ortodoxos feitos em grego e em russo (moscovítico), desde Fócio até ao século XVII. Um exemplar autógrafa foi descoberto por mim recentemente no Arquivo do Santo Ofício em Roma e cuida da sua edição, sob encargo da Academia Jugoslava das Ciências e Artes. O título é *Bibliotheca Schismaticorum Universa*, obra que devia ser para os eslavos ortodoxos aquilo que as *Controversiae verae fidei*, de Belarmino, eram para os protestantes. Em Roma ocupa-se também com a teoria da música. Publica então o pequeno e único livro *Asserta musicalia*, Roma 1656. Nestes anos cuida e supervisiona a edição de livros sobre música e músicas de João IV, rei de Portugal. Em 1658, tendo corrido em Roma vozes de que em Moscovo se abriam escolas de filosofia, Krizanic vai a Moscovo, sem ter obtido o parecer favorável do papa Alexandre VII (que o anota no seu diário).

Krizanic, já quando jovem, dizia querer preparar o caminho para uma união eclesiástica na Rússia, o que farão outros mais dignos do que ele. Queria ser somente precursor da união: assim como, dizia ele, por meio da língua e literatura grega profana foi preparada aos Santos Padres a estrada para a evangelização; assim de forma diferente, ele queria, pelo cultivo das línguas e das escolas na Rússia (isto é pela cultura), preparar a estrada à união eclesiástica. Por isso foi a Moscovo. Apresentou-se em 1659 ao czar, pôs-se ao seu serviço como já tinha feito no sonho da juventude: fazer de bibliotecário, escrever a gramática eslava. Foi aceite este último desiderato: escrever uma gramática e um léxico eslavos.

A Rússia de então encontrava-se num dilema: ou fechar-se em si mesma, recusando qualquer abertura à Europa, como lhe recomendavam os gregos, ou abrir-se às últimas novidades, como sugeriam os germânicos (Protestantes). Krizanic levanta a voz quase profética: «os gregos impõem-nos só antiguidade, os germânicos só novidade, mas o antigo já foi novo e o novo será antigo, aquilo que conta não é nem novidade nem antiguidade, mas bondade: é preciso escolher o que é bom: seja novo seja antigo. Antiguidade e novidade são ficções dos homens; boa ou má esta é a realidade».

O trabalho de Krizanic sobre gramática eslava foi interrompido improvisamente em 1661 por um decreto do czar. Segundo este, Krizanic é enviado para o exílio na Sibéria. Qual era a causa do exílio, não se sabe. Krizanic diz que um certo senhor lhe fez uma pergunta e ele, querendo responder com coração sincero, disse «uma palavra estúpida — *ednoe glupo slovo* e isto custou-lhe o exílio.

Pobre exilado em Toboesco, capital da Sibéria, não ficou desalentado, não caiu em depressão. Não permaneceu no ócio, não alimentou ódios, mas continuou a escrever as suas obras, que deviam servir para «melhoramento espiritual e temporal da Rússia». O filólogo Peter Bezsonov, vendo este extraordinário fenómeno explica-o assim: amando aqueles que o mandaram para o exílio, fazendo bem àqueles que lhe fizeram mal. Krizanic certamente vivia continuamente na presença de Deus.

No exílio Krizanic acaba a gramática (1665). Esta não era uma gramática qualquer. Uma vez que os eslavos constituem uma família ténica, proveniente segundo ele da Rússia, Krizanic chegou à ideia de fazer uma língua eslava comum, compreensível para todos os eslavos; dizia: como os gregos ao lado dos dialectos jónico, dórico tinham também uma Koiné, assim ele, ao lado das línguas eslavas, propunha uma koiné eslava, uma língua paneslava. Para esta língua fez a gramática e nela escreveu as suas obras principais. A matriz deste idioma era a língua paneslava e as línguas vivas eslavas. O paneslavo provinha dos Apóstolos dos eslavos: S. Cirilo e Metódio (dos quais se comemora neste ano de 1985 os 1100 anos da beata morte). Em certo sentido Krizanic era herdeiro da visão linguística dos apóstolos S. Cirilo e Metódio: e não só da visão linguística mas também, por assim dizer, ecuménica.

No exílio Krizanic escreveu a obra «De Providentia Dei» (1666-67), na qual desenvolve a sua original teologia da história: o fim de todos os acontecimentos é a glória de Deus, mas de Deus que se faz homem, de Deus-homem que se uniu à humanidade na Igreja. Então o fim de tudo o que acontece e que é permitido pela Providência é a Igreja. A Igreja é critério e fim da história³.

A obra *De Providentia Dei* é uma teoria da teologia da história; a obra *Tolkovanie Istoriceskim Prorocestu* (Interpretação das profecias históricas) (1672-74) é uma aplicação concreta dos princípios

³ Cf. I. GOLUB, *De mente ecclesiologica Georgii Krizanic* Roma, PUG, 1964.

que defende na obra *De Providentia Dei*. Krizanic, com base na tradição patrística e escolástica, explica a profecia de Daniel sobre as quatro monarquias (cap. 2). Vai no sentido de ver o Império romano significado na quarta monarquia. Mas isto diz respeito à interpretação da pedra que atinge a estátua monstruosa de Daniel, que atinge o Império Romano. Krizanic propõe uma explicação original. A tradição reconhece na pedra que atinge o Império Romano Jesus Cristo. Krizanic também; mas ele diz que a pedra que atinge a estátua monstruosa era também aquela que tinha ouvido dos lábios de Jesus as palavras: Tu és Pedro. Então a pedra que atinge o Império Romano era Pedro e os seus sucessores, os pontíficos romanos; certamente ligados com Jesus-Pedra. Cristo era pedra *de iure*. Pedro é Pedra *de gratia* — «Kamen Hristos po oblasti; kamen ze i Peter po milosti».

Krizanic diz que o Império Romano desapareceu e o Sacro Império Romano-Germânico é para ele uma loucura e uma ridicularia; neste ponto de vista Krizanic separa-se de Roberto Belarmino e aproxima-se do seu compratiota (protestante) Matthias Flaccius Illyricus. Krizanic era também contrário ao mito de que Moscovo era a Terceira Roma. Segundo Starec Filofej havia três Romas: a primeira dos papas que cai com a heresia apolinarística; a segunda Roma era Constantinopla, que cai pela união com a primeira Roma no Concílio de Florença e, por isso, foi castigada pela invasão dos turcos; a terceira Roma é Moscovo; Roma era *columna veritatis et orthodoxiae*, mas caía em heresias, uma a seguir à outra. A terceira Roma é a única *columna veritatis et orthodoxiae christianae*. A Quarta Roma não existirá. Assim dizia Starec Filofej, assim se pensava no tempo de Krizanic na Rússia.

Sobre este mito, este messianismo tolo Krizanic levanta a sua voz dizendo que a Rússia geograficamente nunca pertenceu ao Império Romano, que a segunda e a terceira Roma são ficções, que também Roma como império não existe. Há Roma espiritual (dos Papas). Krizanic, diferentemente de Belarmino, não permitia aos papas nenhum poder sobre os reis, não permitia nenhuma hiperbasileia.

Quando no seio da Igreja oficial ortodoxa da Rússia surgia o cisma chamado «vetero-crentes», que recusavam a reforma litúrgica (e não só) do patriarca de Moscovo Vikon, Krizanic pôe-se do lado da igreja oficial ortodoxa e escreve o seu livro mais belo: *Oblícenie na Soloveckuju Celo bitnu* (Discussão da petição dos monges de Solovki). Este é o único caso na história das igrejas, diz o teólogo russo Smirnov, que um teólogo católico defende a igreja ortodoxa

contra o cisma que nasce no seu seio.. Não gozava com a cisão da ortodoxia, mas empenhava-se por a pôr em causa permanecendo católico. O próprio Prof. Smirnov diz que da parte da teologia ortodoxa a teologia de Krizanic é aceitável e aguarda-se que os teólogos católicos manifestem o seu juízo; ocupando-me há 25 anos de Krizanic devo dizer que a sua teologia do ponto de vista católico é verdadeiramente católica. Krizanic no séc. XVII, nomeou os ortodoxos de Kiev e de Moscovo *Igreja*: Igreja de Kiev, Igreja de Moscovo. Era então «*vox clamantis in deserto*» porque naquela altura católicos chamavam aos ortodoxos «cismáticos»: foi preciso passar três séculos para que o Concílio Vaticano II lhes chamasse *Igreja*. Krizanic fê-lo três séculos antes. E por isso é considerado precursor do ecumenismo cristão.

Não obstante uma grande condescendência para com os eslavos ortodoxos, Krizanic permanecia católico. Escreveu a obra *Ob Snetom Kresceni* (acerca do santo catecismo) no qual levanta a voz contra as praxes de rebaptizar feita dos latinos (católicos). Nesta obra encontra-se um diálogo fictício, que certamente esconde o próprio Krizanic. Um interlocutor diz-lhe que necessita de se deixar baptizar e assim seria libertado do exílio, seria chamado a Moscovo para uma vida tranquila e com o seu génio poderia ganhar muito dinheiro; ele respondeu que o seu baptismo (na Igreja Romana) era válido e baptizar-se de novo, talvez não fosse *lavacrum regenerationis*, mas um sacrilégio.

Krizanic escreve um grande volume de obras políticas (1663-1666). O primeiro dos escritos *Razgovori o Vladatelj Stuu* (Discursos sobre o governo) é uma trilogia de economia, arte militar e política. Nesta obra Krizanic fez um programa, mostrando como a Rússia pode tornar-se um estado moderno economicamente rico, militarmente forte e politicamente prudente (sábio) a fim de que possa realizar a sua missão histórica confiada por Deus; isto é, libertar os irmãos eslavos do jugo dos turcos e germânicos; mas não fazendo um estado sob a soberania dos czares da Rússia; o czar, a Rússia deve somente ajudar os povos eslavos oprimidos pelos turcos e pelos germânicos a recuperar os seus reinos independentes com a dinastia do seu sangue. Krizanic dizia à Rússia que deve encontrar o seu lugar na Europa, não próxima dos germânicos (inimigos dos eslavos), mas dos povos latinos. A missão da Rússia não é só política mas também eclesiástica. A Rússia deve unir-se com a Igreja Romana e com os gregos, por meio de quem recebeu o baptismo e a fé cristã.

Deve trocar graça por graça. Assim é que se fazia intermediária da união eclesiástica dos gregos ortodoxos com a Igreja Romana. Isto é o messianismo russo de Juray Krizanic.

Entre os seus escritos políticos Krizanic tem um dedicado à música. É o tratado *De Musica*. Inserido no contexto político, não é só uma estética da música, mas também uma sociologia da música. Krizanic é ... não há dúvida ... precursor da sociologia da música. E neste contexto fala de João IV, rei de Portugal, como músico e teórico da música e alude ao seu contributo para a publicação das obras musicais do rei português.

Vendo que ficava velho, surdo, que as forças o abandonavam, e os olhos perdiam luz, Krizanic, exausto do longo exílio, escreve o seu testamento espiritual. O prore exilado escreve um testamento de 3400 páginas. O seu testamento é a sua teologia.

Morre Aleksei, o czar que o mandou para o exílio e sucede-lhe em 1676 o jovem Fedor. Um dos seus primeiros decretos é a libertação de Krizanic, ao fim de 15 anos. Provavelmente deve agradecer isto ao mestre do jovem rei, Simeon Polocki, monge basiliano (criptogrego católico). O czar queria que Krizanic ficasse em Moscovo, dando-lhe o trabalho de tradutor no Ministério dos «negócios estrangeiros» (Posolskij Prikaz). Krizanic queria ir embora. Finalmente em 1677 deixa a Rússia. Encontrou meios de entrar na Lituânia, em Vilnius, na ordem dos dominicanos, assumindo o nome religioso de frei Agostinho e pedindo aos superiores que lhe permitissem, depois, ir a Roma cuidar dos seus escritos sobre Moscovo, sobre as controvérsias teológicas. Disseram-lhe que sim. Mas quando fez os votos disseram-lhe para deitar os escritos ao lume e para esquecer o itinerário romano (senão iria parar à cadeia). Ele dirigiu-se à Cong. de Propaganda Fide, ao Geral dos dominicanos António Monroy, mexicano (que depois foi arcebispo de Santiago de Compostela). O Geral autorizou a vinda a Roma, mas o superior polaco de Krizanic, não lhe entregou a permissão. Desejoso de ir a Roma, onde queria imprimir os seus escritos, não tendo meios para a viagem, junta-se, como capelão, ao exército polaco de Jan III Soliesci (ao qual é dedicado o seu livro *História de Sibíria*), para continuar depois a viagem para Roma. O exército ia libertar Viena assediada pelos turcos. Mas aqui, em Viena, sucumbe em 1683.

Pela ocasião do III centenário da morte realizaram-se três congressos internacionais dedicados à vida, obra e pensamento de Kri-

zanic: um em Zagreb (Jugoslávia), outro em Kiev (União Soviética) e outro em Yale (USA).

Assim respondi à pergunta feita no início deste artigo: quem era Juraj Krizanic, que supervisionava a edição dos livros sobre música e as músicas de João IV, rei de Portugal.

No seu trabalho *De Musica* (ainda não publicado; examinei-o em Moscovo no Arquivo do Estado) Krizanic escreve «nostra actate Johannes 4 Portugallorum rex fuit solus Musica addietus. Composuit duo cantica, et libellum brevem quo disserit de sonis et de arte musicae. Composuit et alium libellum, quo defendit modernam musicam contra quaedam antiquae Graecorum musicale laudatorem. Cantica et prior libellus impressus est Romae; posterior Venetiis: sine nomine auctoris».

Depois das palavras ... no fragmento citado: *composuit duo cantica et libellum brevem quo disserit de sonis et de arte musicae*» no original segue a frase seguinte: *quae Romae impressa sunt me attendente et corrigente impressuram*. Esta frase foi cancelada pela mão de Krizanic.

Levado por esta frase cancelada pus-me à procura de elementos sobre João IV e Juraj Krizanic. Queria antes de mais ver se se trata um «lapsus calami» e por isso Krizanic teria riscado a frase, ou se ele estava encarregado e empenhado na impressão das obras de João IV, mas a frase teria sido talvez porque não queria que o destinatário do tratado *De Musica*, que era o czar, soubesse que o exilado Krizanic, antes de ir para a Rússia tinha relação com um rei, o rei de Portugal. Parece ser este o caso.

Lancei-me na linha de João IV músico e teórico da música. Fui ao Pontifício Colégio Português em Roma para consultar a biblioteca. O bibliotecário de então, P. Carlos A. Moreira Azevedo, ajudou-me muito, procurando literatura portuguesa sobre João IV e pondo-me em contacto com os musicólogos portugueses, particularmente com José Augusto Alegria. Estou-lhe infinitamente grato.

Como sobre as investigações realizadas falo nos estudos particulares já citados⁴ aqui aponto só os resultados.

O livro a que se refere Krizanic quando escreve «Joannes IV (...) composuit (...) libellum brevem quo disserit de sonis et de arte musicae quae Romae impressa sunt me attendente et corrigente impressuram» é o opúsculo *Risposte alli dubbii proposti sopra la Messa*

⁴ Cf. nota 2.

«*Panis quem ego dabo*» del. *Palestrina*. O livro aparece também em castelhano *Respuestas a las dudas que se pusieron a la Missa «Panis quem ego dabo» de Palestrina*.

Trata-se de uma raridade. Da edição em língua castelhana conhecem-se só duas cópias: uma na Bib. Nac. de Lisboa (Res. 956 P.), outra na Bib. Casanatense em Roma (Mus. 693).

A edição em língua italiana também se conservou só em duas cópias: uma no Stadt-und Universitäts Bibl. em Francoforte e a outra na Bibl. Musicale del Conservatorio di Musica Santa Cecilia em Roma. A edição italiana tem o ano o lugar de impressão «In Roma, Per Maurizio Balmonti, MDCLV». A edição castelhana não tem nem data, nem lugar.

O exemplar de edição italiana que se encontra na Bibl. Musicale do Conservatorio de Musica Santa Cecilia muito provavelmente pertencia a Juray Krizanic. O exemplar italiano conservado na Bib. Casanatense talvez pertencesse também a Krizanic.

Como e porque aconteceu que fosse confiado a Juray Krizanic a vigilância da edição desta obra de João IV sobre música? Certamente Krizanic tinha alguma autoridade nas coisas que diziam respeito à música. Seria necessário examinar nos arquivos respectivos de Portugal o arcevo do rei e do círculo musical, por exemplo João Álvares Frovo, bibliotecário do rei e mestre da catedral de Lisboa, João Lourenço Soares Rebelo, compositor e mestre-capela da corte de João IV. A que livro de João IV se refere a frase de Krizanic: «(Joannes IV)... composuit et alium libellum quo defendit modernam musicam quemdam antiquae Graecorum musicae laudatorem. Cantica e tria libellus impressus est Romae; posterior Venetiis: sine nomine auctoris».

Trata-se do livro de João IV «*Difesa della musica moderna contro la falsa opinione del vescovo Cirilo Franco, tradotta di spagnolo in italiano*». O original castelhano é *Defensa de la musica moderna contra la errada opinione del obispo Cyrillo Franco*. Até agora permanece aberto o problema de onde e quando foi impresso este opúsculo. Quanto à edição castelhana F. J. Fetis é do parecer que foi impressa em Lisboa em 1649. No que diz respeito à edição em língua italiana as opiniões são muito diferentes. G. Fontanini é do parecer que foi impresso em Perugia 1666; Mário de Sampayo Ribeiro segue-o; o *Repertoire International des Sources Musicales* atesta que foi impresso em Veneza 1666, o catálogo da Bibl. Angelica de Roma diz que foi impresso em Florença.

Este problema do lugar da impressão do *Difesa della musica* resolve-o Juray Krizanic, dizendo que o libelo foi impresso em Veneza, não diz quando, mas do conjunto, certamente que entre os anos 1649-1658 (ou melhor 1656).

Que Krizanic era competente para indicar o lugar da publicação da obra conclui-se de ter cuidado a edição de um outro livro de João IV *Risposta alli dubii*, mas sobretudo do facto de Krizanic possuir do escrito controverso um exemplar próprio, do seu opúsculo *Difesa della Musica Moderna*.

Na Bib. Musicale del Conservatorio di Musica Santa Cecilia em Roma, na colocação CS. 2A. 35, encontram-se ligadas em pergaminho do séc. XVII ambas as obras sobre música. E na obra *Difesa della musica* há intervenções autógrafas pela mão de Juray Krizanic.

Em resumo, estas intervenções são correcções dos erros de impressão. Krizanic não cuidava da impressão desta obra de João IV, mas de uma outra *Risposta alli dubii*, mas ao corrigir *Difesa della musica* Krizanic, provavelmente preparava nova edição italiana do livro, o que foi impedido pela morte prematura de João IV. No seu livro *Risposte alli dubii*, cuja edição cuidava Krizanic tem uma só correcção (uma única letra), provavelmente pela mão de Krizanic.

De qualquer modo, ambos os livros mencionados, ligados ao volume, pertenciam sem dúvida a Juray Krizanic.

Da obra *Difesa della musica* em castelhano conservam-se seis exemplares e em língua italiana 17. Descobri ainda mais um desconhecido que se encontra na Bib. Angelica de Roma (GG. 22, 43).

Quanto à frase de Krizanic «(Joannes IV)... composuit duo cantica... quae Romae impressa sunt...» escreve J. Augusto Alegria, citando o meu texto de Krizanic no estudo *Juray Krizanic and João IV*:

«A primeira conclusão a tirar destas palavras é a existência separada de dois motetes de D. João IV (...) e do tal panfleto assim traduzido em razão da sua pequenez, visto que contava apenas trinta e uma páginas. Também se conclui que esses motetes entraram, de facto, na tipografia romana dos Balmonti não para saírem soltos, por serem de reduzidas dimensões, mas para fecharem seis dos cadernos da obra de Rebelo, como consta expressamente do 8.º»⁵.

⁵ JOÃO LOURENÇO REBELO, *Psalmi tum vesperarum tum completorii. Item magnificat Lamentationes et miserere*, trans. estudo de J. A. Alegria, I, Lisboa 1982, 1.

É com gotas destas que os rios culturais dos povos se ligam no mar da história. A lucerna da Croácia esteve ao serviço do engenho artístico do monarca português. As questões abertas sejam um desafio aos investigadores portugueses. Assim, os laços do passado serão fonte de relações vivas, hoje.

IVAN GOLUB

Prof. Univ. Cat. Zagreb